

275. ZAIRE
Matadi
Dioc. Matadi

O culto de Nossa Senhora da Fátima

No estrangeiro

NO CONGO BELGA

A Colónia portuguesa de Matadi, no Congo Belga, que outrora pertenceu a Portugal, adquiriu uma bela imagem de Nossa Senhora da Fátima e pediu ao Sr. D. Moysés, venerando Bispo de Angola e Congo, para ir lá benzê-la.

Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} que é um grande devoto de Nossa Senhora da Fátima, anuiu ao pedido e meteu-se a caminho para Matadi.

Transcrevemos da bela revista «Missões de Angola e Congo» a descrição da viagem e da festa feita pelo senhor Bispo.

Muito interessante, mas perigosa, a descida para Nôqui.

A vista do Zaire, lá do alto das montanhas, é realmente imponente.

Na Administração de Nôqui estavam as pessoas mais importantes e bem assim os alunos da escola rural, regida por um catequista de S. Salvador.

Cada um tinha o seu caderno de cânticos portugueses e entoavam muito bem, o hino da Fátima, o «Ó Glória da nossa terra», etc.

Não faltou um discurso de louvação pronunciado pelo português mais antigo da vila, manifestando grande satisfação pela visita e pedindo assistência religiosa mais frequente.

Nôqui, outrora bastante importante, dependia de Santo António e chegou a ter missionário residente, por três vezes: 1905, 1913-1914 e 1915.

De Nôqui a Matadi são apenas alguns quilómetros.

Para lá nos dirigimos, indo logo bater à porta da Missão dos Padres Redentoristas, situada no centro da cidade.

O Vigário Apostólico, com quem me havia encontrado dois anos antes na missão de Kipangu (perto de Maquela), estava para a Europa; do Pró-Vigário e dos missionários recebemos franca e afectuosa hospitalidade.

Sobre o edifício da Missão tremulavam, uma ao lado da outra,

as bandeiras da Bélgica e de Portugal.

Na sua primeira viagem em 1482, Diogo Cam subiu o Zaire, e chegou até às famosas quedas de Yealala, a montanha de Matadi, gravando nos rochedos dos chamados Montes de Cristal uma inscrição que, ainda hoje, ali perpetua a lembrança de Portugal.

Aproveitámos o resto da tarde para, em companhia do nosso vice-cônsul e do Superior da missão, darmos uma volta pela cidade, visitando com vagar as escolas e dois magníficos hospitais, um para europeus e outro para indígenas, ambos dirigidos por religiosas.

A festa, para a qual havia sido convidado, realizou-se na manhã de sábado, 3 de Agosto.

Embora fosse dia de trabalho, deram-se grandes facilidades e a igreja encheu-se por completo. Na assistência havia os portugueses — europeus e angolanos — residentes em Matadi, muitos outros vindos de Nôqui e de toda a zona da fronteira.

Por isso antes de proceder à bênção da imagem, fiz uma allocução em português, à qual pareceram prestar grande atenção, mesmo aquêles dos assistentes, que me não podiam compreender.

Seguiu-se a missa; ao evangelho, a pedido do Superior, voltei a falar, mas em francês, para dar satisfação à assistência belga.

A seguir à missa organizou-se uma procissão através das ruas da cidade: o andar a portuguesa, com a bela imagem de N. Senhora da Fátima despertou a maior curiosidade entre os habitantes de Matadi; os alunos da escola rural de Nôqui cantaram animadamente, durante todo o trajecto, os cânticos marianos e mais populares de Portugal e a eles se foram juntando muitos dos nossos angolenses, logo que ouviram melodias portuguesas, que haviam aprendido nas missões; eu seguia um pouco atrás paramentado de pontifical, levado por duas bandeiras nacionais levantadas bem alto e com manifesta ufania, por dois filhos de Angola, que haviam transposto a fronteira para se associarem à festa dos portugueses de Matadi.

Esta bela festa portuguesa, realizada em terra estrangeira, mas numa atmosfera de grande simpatia e com a participação dos habitantes de Matadi, foi motivo de legítimo orgulho para os portugueses, que ali trabalham e pôs em evidência a consideração de que gozam por parte de todos.

Finda a procissão, houve recepção solene, seguida dum *Porto de Honra* no salão do Hotel Metrópole, comparecendo as autoridades, Corpo Consular e tudo quanto em Matadi se encontra

de mais selecto

* Matadi, no Zaire, Dioc. Matadi (comunicado Pontifício 1995)

Em "Voz de Fátima", Fátima, 14 (165), 13 Jun. 1935, p. 3 ede 5-7